

**Discursos midiáticos sobre o desastre da Samarco:
uma análise das reportagens nas revistas *Veja* e *CartaCapital***

*Media discourses about Samarco's Disaster:
an Analysis of the Reports in Veja and CartaCapital Magazines*

Vinicius Suzigan FERRAZ¹
Mateus Yuri PASSOS²

Resumo

O artigo estuda as estratégias discursivas que *Veja* e *CartaCapital* operaram sobre o desastre da Samarco. Parte-se do pressuposto que as revistas, ao representarem o fato em seus portais online, viabilizam caminhos que enfatizam a polarização ideológica vigente no país, já que possuem discursos distintos e legitimadores das suas práticas editoriais. Assim, *Veja* parte de um *ethos* pré-discursivo marcado por um discurso liberal-conservador e *CartaCapital* progressista. Na aplicação teórico-metodológica foi utilizada a Análise do Discurso nas reportagens “Tragédia em Mariana: para que não se repita” e “Mar de lama, literalmente.”

Palavras-chave: Jornalismo. Desastre da Samarco. Análise do Discurso.

Abstract

The article studies the discursive strategies that *Veja* and *CartaCapital* operated on the Samarco disaster. It is assumed that the magazines, by representing the fact in their online portals, enable paths that emphasize the ideological polarization prevailing in the country, since they have distinct discourses that legitimate their editorial practices. Thus, *Veja* part of a pre-discursive *ethos* marked by a liberal-conservative discourse and *CartaCapital* progressive. In the theoretical-methodological application was used the Discourse Analysis in the reports “Tragédia em Mariana: para que não se repita” and “Mar de lama, literalmente.”

Keywords: Journalism. Samarco Disaster. Discourse Analysis.

Introdução

¹ Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).
E-mail: vncsferraz@gmail.com

² Pós-doutor em Comunicação na Faculdade Cásper Líbero. E-mail: mateus.passos@gmail.com

Os meios de comunicação estão em todos os lugares. Ao andarmos nas ruas somos bombardeados por uma grande gama de informações de todos os níveis e qualidades. Somos interpelados no celular, no outdoor, na marca dos carros e das roupas, na TV, no jornal impresso, no autofalante do carro, entre outros vários exemplos que podem nos revelar, de forma empírica, a ubiquidade dos meios de comunicação na vida humana, principalmente a vida urbana. Assim, podemos dizer que os meios de comunicação permeiam a vida do ser humano e o avanço tecnológico é a força motriz dessa realidade, ou seja, à medida em que a tecnologia da informação e comunicação avançam, aumenta a difusão de informações pelos meios de comunicação. Dessa forma, a mídia exerce influência em praticamente todos os níveis e instâncias socioculturais, tendo a capacidade de invadir todos os espaços através de seu poder de difusão simbólico. “Assim, as questões tradicionais sobre o uso e os efeitos dos meios de comunicação precisam levar em consideração as circunstâncias nas quais a cultura e a sociedade passaram a ser midiaticizadas” (HJARVARD, 2008, p.55).

Essa breve introdução sobre um dos aspectos da dinâmica da mídia serve de pretexto para justificar a nossa pesquisa. Como parte dos resultados obtidos através da dissertação homônima, o intuito desse artigo é investigar, com a ajuda da Análise do Discurso de linha francesa, as estratégias discursivas das reportagens online de *Veja* e *CartaCapital*, nas reportagens “Tragédia em Mariana: para que não se repita” e “Mar de lama, literalmente”, as duas primeiras reportagens logo após o desastre, comumente chamado na mídia tradicional por tragédia de Mariana, título que, na visão da pesquisa não tem a capacidade de representar o que aconteceu dia 05 de novembro de 2015, no subdistrito de Bento Rodrigues, na cidade de Mariana-MG, já que a tragédia pode ter acontecido em Mariana-MG, mas o sentido do título distrai o leitor dos reais responsáveis pela catástrofe: as empresas que extraíam minério de ferro no Complexo de Germano: Vale, BHP-Billiton e Samarco.

O amálgama de lama e rejeitos de ferro que acometeu a cidade de Mariana-MG, principalmente o subdistrito de Bento Rodrigues, foi o maior desastre do setor de mineração dos últimos 100 anos. O rastro de destruição determinou a morte de 19 pessoas e impactou cerca de 500 mil pessoas direta e indiretamente, vários hectares de matas nativas, a morte de toneladas de peixes e de diversos organismos aquáticos e

terrestres, já que a transformação radical do ecossistema gerou consequências quase que instantâneas na região. É impossível mensurar os danos causados não apenas para a região, mas também para o país, já que transformou o ecossistema de uma das maiores bacias hidrográficas do Brasil, o Rio Doce, bacia que cobre 228 municípios nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. No total foram 663,2 quilômetros percorridos pela lama tóxica até se encontrar com o Oceano Atlântico em sua foz, na cidade de Linhares-ES, transformando o tom esmeralda da água em marrom, contaminando recursos hídricos de dois estados e passando por 40 municípios.

O fato foi que a barragem de Fundão, localizada no subdistrito de Bento Rodrigues, distrito de Santa Rita Durão, na cidade de Mariana-MG, rompeu-se no dia 05 de novembro de 2015, aproximadamente às 15 horas. A barragem, da empresa Samarco Mineração S.A, uma joint venture entre as duas maiores empresas mineradoras do mundo, a Vale S.A. e a BHP-Billiton, era um dique de contenção que segurava rejeitos de minérios de ferro entre outros produtos químicos que, ao romper-se, galgou lama tóxica em cima de outra barragem, a de Santarém, que conjuntamente liberaram entre 50 e 60 milhões³ de metros cúbicos no rastro de Bento Rodrigues. As razões desse evento trágico são várias, desde o descaso do poder público, leis ambientais pouco severas, baixos índices de fiscalização e incentivo orçamentário às empresas competentes, ganância e negligência das empresas envolvidas, entre outros. Portanto, podemos concluir que o fato é multifatorial, ou seja, as reponsabilidades são diversas e difusas, mas que a pujança e ganância econômica das empresas que ali foram determinantes para a catástrofe.

Segundo os autos do Ministério Público Federal, por meio da Força Tarefa Rio Doce e a Procuradoria da República nos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, o fato é dado dessa forma:

É fato público e notório que, em 05/11/2015, por volta das 15:00 horas, houve o rompimento da barragem Fundão e o galgamento dos rejeitos de mineração sobre a barragem Santarém, localizadas no Complexo Industrial de Germano, Município de Mariana/MG, ambas operadas pela Samarco Mineração S.A, e localizadas na Bacia do Rio Gualaxo do Norte, afluente do Rio do Carmo, que é afluente do Rio Doce. O citado rompimento gerou ondas de rejeitos de minério de ferro e sílica, entre outros particulados, que pela

³ Para se ter uma referência, a quantidade equivale a aproximadamente 20 mil piscinas olímpicas de lama e rejeitos de minério de ferro que varreram Bento Rodrigues do mapa.

velocidade e volume ocasionaram e continuam causando impactos ambientais e sociais imensuráveis ao longo de toda a Bacia Hidrográfica do Rio Doce (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2015, p. 11).

Completados traumatizantes três anos após o desastre, pouquíssimas soluções foram viabilizadas para a população de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Barra Longa, subdistritos atingidos pela lama tóxica oriunda do rompimento das barragens da Samarco e que tiveram seus bens, parentes, amigos e sonhos soterrados pelo desastre. A esperança é que eles tenham condições de seguir as suas vidas da melhor maneira possível e que essa história, no final, ainda tenha conclusões mais positivas.

Essa exígua contextualização nos leva ao nosso objeto de estudo, que são as estratégias discursivas sobre a cobertura do desastre pelas revistas *Veja* e *CartaCapital*, instituições jornalísticas que, de alguma forma, representam no segmento de revistas, a dicotomia vivida e produzida pelo fenômeno da polarização política, visto que promulgam de diferentes visões de mundo.

Dessa forma, pensa-se que *Veja*, com o seu discurso mais à direita do espectro político-ideológico, constrói os seus discursos partindo desse pressuposto e que sua linha editorial acaba por influenciar as condições de produção do seu material jornalístico, acabando por enviesar e recortar o mundo de acordo com as suas convicções de mundo. Pensando polifonicamente (BAKHTIN apud BARROS, 1996), *CartaCapital* tem a sua linha editorial mais à esquerda numa métrica ideológica aceitável e acaba por determinar também os produtos jornalísticos produzidos pela revista, fazendo um contraponto à *Veja*. Para embasar teoricamente a nossa explicação, vamos retomar a noção de dialogismo e dialética do russo Mikail Bakhtin.

Bakhtin observa que existem duas definições sobre dialogismo: a de diálogo entre interlocutores (seres sociais) que fundam a linguagem através da interação⁴; e o diálogo entre discursos (a dialética). Para o pensador, “viver significa participar de um diálogo, interrogar, escutar, responder, estar de acordo, etc.” (TODOROV 1981, p. 138 apud BARROS, 1996, p. 27). Para o autor, não podemos dissociar essas duas faces do dialogismo:

⁴ Para ele, a linguagem não é apenas fundamental para a comunicação, mas a interação dos interlocutores funda a linguagem (BRANDÃO, 2002, p. 9). Trilhando o caminho aberto por Ferdinand de Saussure, mas divergindo do “pai da linguística moderna” ao colocar o enunciado e enunciação como objetos dos estudos da linguagem, o russo parte do princípio de que a língua é um fato social cujas necessidades de comunicação a fundam.

Toda enunciação, mesmo sob sua forma escrita cristalizada, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Ela é apenas um elo na cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, estabelece uma polêmica com elas, aguarda reações ativas de compreensão, antecipa-se sobre estas (BAKHTIN, 1977, p. 106 *apud* MAINGUENEAU, 1998, p.42).

Assim, ao pensarmos sobre o nosso objeto de estudo, todo enunciado produzido pelas duas revistas é uma resposta, uma outra forma de receber e conceber o acontecimento – nesse caso o desastre da Samarco –, interpretá-lo e, conforme Bakhtin, cristaliza-lo em forma de enunciado, estabelecendo uma relação polêmica entre elas. É a dialética que estabelece essa inter-relação entre os discursos e é dessa forma que enxergamos as estratégias discursivas das duas revistas. Não uma resposta entre elas e apenas elas, mas, enquanto portadoras de fonias e discursos diferentes (e por vezes antagônicos), as revistas privilegiam uma estratégia discursiva em detrimento de outra, formando assim um composto polifônico, onde vozes diferentes convivem no mesmo tecido social e por vezes conflitantes, esse que por sua vez, é assistido e influenciado pelo comportamento da mídia.

Assim, amarraremos a nossa proposta teórico-metodológica, a Análise do Discurso, com um outro elemento caro à nossa pesquisa: as definições e distinções entre os gêneros jornalísticos da reportagem e notícia.

Por fim, traçaremos o *ethos* pré-discursivo de *Veja* e *CartaCapital*, para entendermos como suas visões de mundo e linhas editoriais foram sendo consolidadas historicamente e, por fim, traremos alguns exemplos da análise dos enunciados e algumas inferências sobre eles, em cima das reportagens “Tragédia em Mariana: para que não se repita” e “Mar de lama, literalmente”, em *Veja* e *CartaCapital*.

Análise do Discurso francesa e a reportagem em revista online

A proposta teórico-metodológica da Análise do Discurso é responsável por vários estudos da língua sob a perspectiva discursiva, havendo várias correntes teóricas e filosóficas para se pensar o discurso. Nesse sentido, a escola de Análise do Discurso francesa (AD) se preocupa com o estudo linguístico de produção de um enunciado – enunciado entende-se por frase – que procura, conforme já foi dito, se ocupar dos estudos da língua além de suas regulamentações internas, tais como a

gramática, o fonema, a frase, a sintaxe, a semântica, mas também pelos seus agentes externos, tais como os elementos históricos, socioculturais e ideológicos, elementos que circundam a produção de um discurso e nele interferem. Essa abordagem também analisa o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos produzidos e que circulam na comunidade, entendimento fundamental deste artigo. Como não existe apenas uma definição do conceito e também um tipo de se fazer análise do discurso, segundo Rosalind Gill, seguem as características gerais da abordagem:

1. A postura crítica ao conhecimento dado, aceito sem discussão e um ceticismo com respeito à visão de que nossas observações do mundo nos revelam, sem problemas, sua natureza autêntica. 2. O reconhecimento de que as maneiras como nós normalmente compreendemos o mundo são histórica e culturalmente específicas e relativas. 3. A convicção de que o conhecimento é socialmente construído, isto é, que nossas maneiras atuais de compreender o mundo são determinadas não pela natureza do mundo em si mesmo, mas pelos processos sociais. 4. O compromisso de explorar as maneiras como os conhecimentos – a construção social de pessoas, fenômenos ou problemas – estão ligados a ações/práticas (GILL, 2002, p. 245).

Assim, quebrando com o pressuposto saussureano e entendendo a AD como um entrecruzamento das ciências humanas, podemos defini-la como “a disciplina que, em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si ou uma análise sociológica ou psicológica de seu contexto, visa a articular sua enunciação sobre um certo lugar social” (MAINGUENEAU, 1998, p. 13). Dessa forma, esse tipo de análise consiste em entender a relação dos gêneros de discurso operando nos espaços sociais e/ou nos campos discursivos. Por gêneros⁵ do discurso, podemos definir como lugares de fala onde o discurso se inscreve. O editorial, a reportagem, a crônica, a entrevista, enfim, aquilo que se caracteriza como “quadros nos quais fazia deslizar um conteúdo independente deles” (MAINGUENEAU, 1998, p. 74). Eles determinam algumas restrições técnicas e de representação entre os sujeitos envolvidos na enunciação e é aqui onde imbricamos a nossa proposta metodológica com o gênero discursivo aqui selecionado: a reportagem.

A seleção do gênero não apenas discursivo, mas jornalístico da reportagem é proposital. A notícia, muito mais objetiva se tratando de texto jornalístico já que se

⁵ Dominique Maingueneau também considera a definição tipos de discurso para designar o conceito.

trata de produto de categoria informativa, tem como característica principal uma instantaneidade maior, ao contrário da reportagem que pode demorar alguns dias a ser produzida, já que está situada dentro da categoria interpretativa. A finalidade básica da notícia é informar, já a reportagem pode ir além disso. Assim, “as reportagens, enquanto gênero, não são mais interpretativas nem menos, nem mais informativas nem menos que, por exemplo, a notícia: são outro tipo de informação e outro tipo de interpretação. Melhor dito, são quase apenas uma variação temática da notícia”, (OLIVEIRA; SEIXAS, 2011, p. 4). Ou seja, a notícia informa e a reportagem aborda as lateralidades da notícia, algum aprofundamento ou caráter a ter uma história própria. Assim, à caráter de distinção e observando o nosso tema, noticia-se que a barragem de Fundão rompeu-se e produzem-se reportagens sobre os efeitos socioeconômicos que tal fato produziu, a vida da cidade antes e depois, por exemplo e essas escolhas ficam a cargo do jornalista, obedecendo o guarda-chuva editorial da empresa em que trabalha e obedecendo às ordens do editor.

Nesse sentido, a escolha pela reportagem se faz pois ela permite evidenciar as marcas, os traços e pistas deixados pelo autor e instituição jornalística na construção da representação desse acontecimento. Também é mais suscetível de enxergar os posicionamentos ideológicos nela, já que passa necessariamente pelo filtro do jornalista (escolher o que reportar), da instituição jornalística (a linha editorial permite reportar aquilo que se quer reportar), da edição e escolha sintática e lexical. É através dessa equação que conseguiremos identificar o pressuposto aqui colocado através dos enunciados das duas revistas sobre o desastre da Samarco.

A escolha pela reportagem também se faz, pois, a grande diferença entre os dois gêneros jornalísticos está no referencial de cada uma. Enquanto que os gêneros que correspondem ao universo da informação se organizam a partir de um referencial exterior à instituição jornalística, dependendo quase que exclusivamente da pragmática dos fatos, nos gêneros que se agrupam na área da opinião e da interpretação, a estrutura da mensagem é co-organizada por variáveis também determinadas pela instituição jornalística, condição que remete muito mais aos textos de revista do que de jornais e internet, no âmbito da comunicação massiva. Sendo aqui selecionados reportagens de revista em suas plataformas online, a escolha se mostra coerente enquanto proposta teórico-metodológica.

As revistas *Veja* e *CartaCapital* e seus *ethos* pré-discursivos

Antes de entrarmos no histórico das revista e entendermos as razões pelas quais “como” cada instituição jornalística produz as suas representações, delimitaremos o conceito de *ethos* discursivo, conceito bastante caro a AD.

O conceito de *ethos* discursivo é muito associado ao estudo da retórica⁶. Basicamente, compreende à imagem de si produzida no discurso, a personificação que o enunciador faz ao tomar o ato enunciativo. É um desdobramento da retórica de Aristóteles, que a entendia como a “imagem que um orador transmitia, implicitamente, de si mesmo, através de sua maneira de falar: adotando as entonações, os gestos, o porte geral de um homem honesto, por exemplo, não se diz, explicitamente, que é honesto, mas isso é mostrado” (MAINGUENEAU, 2000, P. 59).

Nessa lógica, o que mais interessa no conceito do *ethos* é o locutor enquanto tal, o personagem que fala. O indivíduo nada tem a ver com o locutor, já que é considerado independentemente de sua enunciação.

Portanto, o conceito de *ethos* discursivo nos ajuda na tarefa de desvendar, através do discurso, se o histórico (*ethos* pré-discursivo) e aquilo que tanto *Veja* quanto *CartaCapital* expõem em suas linhas editoriais se fazem presentes nos textos das duas sobre o desastre da Samarco, se são condizentes ou existe uma intenção ou posição por trás dos enunciados.

A revista *Veja*, fundada em 1968 pela editora Abril, sempre foi produzida por um grupo de tecnocratas, amparados nas mais modernas concepções técnicas, mercadológicas e conceituais de mercado. A empresa, assim como o periódico, se insere em um momento de plena expansão do capitalismo, desenvolvimento tecnológico e consolidação do papel dos grandes veículos de comunicação de massa no meio do século XX no Brasil e no mundo. Surgida sob influência institucional da revista norte-americana Time, Roberto Civita, o então filho do proprietário da editora Abril, Victor Civita - ítalo-americano radicado e naturalizado no Brasil e que tinha,

⁶ Retórica como a arte de persuasão. Entender como o discurso se torna eficaz (inscrição do locutor no discurso).

até o momento, o direito de publicação de revistas da Disney⁷ - estagiava na Time Inc., ganhando lugar de destaque no estágio onde aprendeu a fórmula para a construção do periódico. "Durante o estágio "leu tudo o que havia nos arquivos da empresa sobre a operação latino-americana". Foi aluno tão aplicado que ganhou o cargo de vice-diretor de Time Inc. no Pacífico" (SILVA, 2002, p. 55). Recusou o cargo pois o pai tinha planos mais ambiciosos para o know-how do filho no Brasil.

Tendo como modelos as revistas norte-americanas *Time* e *Newsweek*, a publicação contou, internamente, com um grande quadro de profissionais e intelectuais capacitados e um know-how tecnicamente eficaz, que conseguiu, durante o começo turbulento e dispendioso, captar nos anos seguintes, os anseios dos setores médios da sociedade brasileira, já que dispunha como conteúdo uma vasta abrangência editorial, digna de curiosidade de grande parcela social.

Nesse sentido, a publicação da Editora Abril é uma organização capitalista da cultura e, como um produto cultural, tinha (e ainda tem) como preceitos editoriais, uma tentativa de projeto de modernização do Brasil através da implementação definitiva do capitalismo. Isso não quer dizer que, por ter sido criada em plena ditadura militar a revista tenha alguma simpatia pelo autoritarismo da época. Muito pelo contrário. Em 1968, exatamente três meses após a sua primeira edição⁸, *Veja* sofreu, assim como toda liberdade de expressão do país, um dos mais duros golpes de sua história. Caracterizado como a mais autoritária lei de exceção dos militares, o Ato Institucional nº 5 (AI5), reproduzia, entre outras arbitrariedades, a censura prévia à imprensa, alterando totalmente a sensação e a noção de liberdade de expressão, tão cara, essencial, autêntica e crítica à prática comunicacional e democrática. Em tom desafiador, *Veja* publica na capa da sua décima quinta edição, datada do dia 18 de dezembro de 1968, uma foto simbólica do então presidente da República, Marechal

⁷ Contrato histórico que recentemente foi encerrado. Após 68 anos de parceria entre Disney e Abril, foi decretado, em junho de 2018, o fim de uma era. "Após a revisão estratégica do Grupo Abril, a partir de junho de 2018, os Quadrinhos Disney, não serão mais publicados por nós" disse Ricardo Perez, diretor de assinaturas, em e-mail publicado na imprensa.

⁸ A capa continha mãos empunhando a foice e o martelo - símbolos do comunismo - em preto sobre um fundo vermelho e a chamada "O Grande Duelo no Mundo Comunista", abordou o tema tendo como pano de fundo a invasão da Tchecoslováquia pelo Pacto de Varsóvia, acontecido em agosto de 68. A matéria teve como título "Rebelião na Galáxia Vermelha", ao tentar situar os leitores sobre as repressões que os países do bloco faziam para tentar conter as revoltas internas.

Arthur Costa e Silva, sentado sozinho no Congresso sem nenhum texto adicional, edição que foi apreendida logo que chegou às bancas de jornais.

Enquanto características dos produtos de *Veja*, nos textos da revista é facilmente notado o tom irônico e debochado, o uso de adjetivos e advérbios na construção proposital de sentido, o que nos leva a entender e ler a revista como uma espécie de escudo liberal dentro da mídia, principalmente quando é a editoria política.

Assim, *Veja* tem embutido em seu guarda-chuva editorial um discurso liberal-conservador e busca através de seus produtos jornalísticos dissuadir culturalmente os seus leitores a favor do livre mercado, a individualidade, a não intervenção do Estado, o conservadorismo cultural e o moralismo religioso como um dos preceitos de sociedade, assim como nos aponta Carla Silva (2005, p. 23):

É esse o sentido do peso que é dado pela revista para a cobertura dos fatos políticos. Através deles, abrem-se ou fecham-se espaços para os diferentes interesses industriais, comerciais, bancários ou financeiros. A cobertura política se dá não porque a revista esteja interessada em pormenores do Congresso Nacional ou do Poder Executivo, mas porque nesses embates estão em jogo decisões fundamentais como: “livrar-se do fardo” da Constituição de 1988; impedir qualquer controle capital, sobretudo externo; privatizar; retirar funções sociais do Estado. A revista agiu muitas vezes nesses debates da grande política como partido, organizando e encaminhando a hegemonia dos grupos que defende e o consenso em torno de seu projeto.

Dessa forma, as características que regem a linha editorial de *Veja*, numa métrica ideológica aceitável, são de centro direita. Teve papel importante na disseminação de acusações, delações e capas sensacionalistas contra os governos petistas (Lula e Dilma Rousseff), sendo uma dos periódicos mais cultuados pela classe média brasileira, já que enunciadores e enunciatários contratados legitimam o que ambos pensam de mundo e definem enquanto verdade.

De um outro lado, está a revista *CartaCapital*. Com uma história muito mais recente do que a de *Veja*, a revista *CartaCapital* foi fundada em 1994, em São Paulo, por Mino Carta, Bob Fernandes, Nelson Letaif e Wagner Carelli em pleno regime democrático. A revista de informação semanal⁹ se auto declara como um escape ao

⁹ A agora revista semanal de informação era editada e publicada mensalmente pela editora Carta Editorial. Em 96, a revista passa a ter as suas edições publicadas quinzenalmente e focar progressivamente na análise política. Passa a ser semanal apenas em 2001, ficando mais abrangente.

pensamento hegemônico que impera na cultura e no jornalismo brasileiro, se inserindo no mercado editorial de revistas como um contraponto, pensando polifonicamente, às outras três revistas semanais brasileiras, *Época*, *IstoÉ* e a já citada *Veja*, periódicos mais conservadores no que diz respeito às linhas editoriais. *CartaCapital* se coloca como uma mídia de oposição e é justamente nessa oposição, nesse caráter polifônico, em que, segundo os princípios da revista, se encontram as divergências necessárias e caras a uma sociedade que se diz democrática. Conforme seu próprio mídia kit:

Desde o princípio, CartaCapital tem como objetivo proporcionar ao público uma visão analítica dos fatos e é isso que nos torna a principal mídia de oposição do país. A partir de apurações criteriosas, essenciais para o exercício de um bom jornalismo, trazemos à tona temas importantes para a formação de uma sociedade democrática (CARTACAPITAL, 2018).

A revista também é conhecida como tendo uma posição definida na métrica ideológica, se auto declarando como progressista. Dessa forma, *CartaCapital* se diferencia de *Veja*¹⁰ pois se posiciona perante os fatos de caráter político, não se submetendo à suposta falsa imparcialidade editorial, objeto que também é fruto de crítica do periódico, assim como nos mostra Mesquita:

[...] a revista também apresenta outro aspecto que a diferencia das demais: a posição política declarada em seu editorial. Principalmente durante o período da campanha eleitoral de 2006, não raras vezes a revista – representando o posicionamento de seu diretor, Mino Carta – declarou explicitamente o estreitamento entre suas ideias e as de Luís Inácio Lula da Silva, o que suscitou (e ainda suscita) várias críticas por parte do público e de alguns veículos de comunicação (MESQUITA, 2008, p. 58-59).

Entende-se, portanto, que o seu *ethos* pré-discursivo é constituído de um pensamento não-hegemônico, que procura se desvencilhar da mediocridade social,

¹⁰ Apesar de que está cada vez mais fácil identificarmos o *ethos* discursivo da *Veja*, principalmente nas capas antipetistas, onde ela, publicamente e notadamente, se mostra pelas suas escolhas de sentido. Assim, a linha editorial da revista se atrela a um *ethos* liberal-conservador, denotando as suas escolhas político-ideológicas como contrárias aos supostos ideais não somente do lulismo e do petismo, mas também de tudo o que representa a esquerda e seu progressismo, mesmo que estas ideias não sejam assim tão definidas no âmbito social.

assim como nos mostra o seu público-alvo¹¹, por expor de maneira contundente as falhas e abusos do sistema capitalista não visando uma transformação total dele, mas um projeto que aponte o bem-estar social e que diminua a desigualdade reinante no país, expondo as contradições no pensamento liberal conservador.

Análise dos enunciados em *Veja* e *CartaCapital*

Aplicaremos agora a AD nas reportagens selecionadas, partindo da análise dos enunciados das reportagens “Tragédia em Mariana: para que não se repita” e “Mar literalmente de lama”, em *Veja* e *CartaCapital*, a fim de comprovar o nosso grande pressuposto de pesquisa, de que as revistas sedimentam caminhos para a polarização política, visto que possuem discursos distintos e legitimadores das suas linhas e práticas editoriais que por vezes são antagônicas.

Se faz necessário explicar que não apresentaremos todas os enunciados analisados de cada reportagem, haja visto que não dispomos de tamanho suficiente neste artigo, mas abordaremos dois enunciados que nos chamaram a atenção nessa análise qualitativa das reportagens.

A reportagem "Tragédia em Mariana: para que não se repita", em *Veja*, é dividida em três retrancas. Publicada dia 11 de novembro de 2015 e produzida pelos jornalistas Eduardo Gonçalves e Nicole Fusco. O próprio título sugere ao leitor a entender o caráter ambiental e polido que paira sobre a sequência "para que não se repita", numa tentativa de alerta às empresas que se arrisquem a negligenciar cuidados necessários nesse tipo de empreendimento. Para que não se repita também está no lugar de “*basta*”, ou seja, “é a última vez que iremos tolerar isso”.

Nesse viés, é preciso lembrar do sociólogo alemão Ulrich Beck que desenvolveu o conceito de sociedade de risco. Para o autor, a sociedade de risco tem três características: ela é globalizada, individualizada e reflexiva (VICTOR, 2015, p. 5). Segundo Giddens, existe uma estreita relação entre reflexão e informação, ou seja, a reflexividade referida é a capacidade da sociedade refletir sobre os seus problemas e

¹¹ 82% do público da revista possui graduação, o que se pode denotar que o tipo de abordagem que a revista privilegia, divergente do discurso dominante, é atraente a quem tem escolaridade e/ou grau de instrução, mas que, no Brasil, tem menor impacto junto ao público.

possíveis soluções está associada diretamente ao acesso e ao nível dessa informação. Guivant (2016) nos esclarece melhor:

Para Beck os riscos não são sinônimo de catástrofe, mas sim a antecipação desta. Eles existem em um estado permanente de virtualidade e passam a ser tópicos quando antecipados através de diversas técnicas de visualização, especialmente aquelas utilizadas pela mídia (GUIVANT, 2016, p. 230)

A releitura de Beck teve como intuito entender o papel nefasto que alguns meios de comunicação, principalmente os hegemônicos, têm em perpetuar essa sociedade de risco e, automaticamente, a violação dos direitos humanos, servindo apenas para publicar o sensacionalismo do pós desastre, não ajudando a evita-los e/ou preveni-los, mas sim, perpetuar a violação dos direitos humanos. Dessa forma, *Veja* atua nesse cenário, já que trabalha com o basta, não com a antecipação da catástrofe, haja visto que existiam estudos que previam a possibilidade de ruptura da barragem de Fundão. Um deles foi o entregue às autoridades e para a própria Samarco, feito pelo Instituto Prístino, da UFMG, que previa trincas e rachaduras na estrutura da barragem.

No final do primeiro parágrafo, aparecem as primeiras interpretações feitas pela *Veja* sobre o complexo de Alegria ou, possivelmente, texto enviado provavelmente pela assessoria de imprensa da Samarco. Segue o enunciado:

[...] todas (as barragens) operavam segundo o sistema de aterro hidráulico, tradicional e empregado em todo o mundo. Ele conta com a ação da gravidade para fazer com que os resíduos separados do ferro escoem até bacias. A parte frontal dessas bacias é feita de areia, para filtrar a água (VEJA, 2015).

Acima, *Veja* conduz o seu leitor a concluir que a Samarco empregava técnicas lícitas e operações utilizadas "em todo mundo", o que não é verdade, já que uma série de protocolos não foram seguidos pela Samarco. Também é uma afirmação leviana, aplicando um advérbio de intensidade (todo) para elevar a condição da empresa como cumpridora das regras globais. Mas é fato que quem fazia o monitoramento de barragens de minério de ferro até dia 15 janeiro de 2016 eram as próprias mineradoras empreendedoras. Assim, segundo o inciso III do artigo 4º da Lei nº 12.334/2010¹², o

¹² Disponível em: <http://www.dnpm.gov.br/portaria-dnpm-no-70-389-de-17-de-maio-de-2017-seguranca-de-barragens-de-mineracao>, acessado em 24/07/2018.

empreendedor é o responsável legal pela segurança da barragem, cabendo-lhe o desenvolvimento de ações para garanti-la.

A outra reportagem a ser analisada por esse artigo tem o título “Mar de lama, literalmente”, de *CartaCapital*, publicada dia 15 de novembro de 2015, produzida pelo jornalista Rodrigo Martins.

Como visto no *ethos* pré-discursivo da revista *CartaCapital* e suas características editoriais, no sétimo parágrafo do texto, o jornalista continua a sua empreitada na questão ambiental, aqui onde conseguimos encontrar trechos do *ethos* discursivo do periódico materializado no texto quando escreve:

Ainda não é possível dimensionar a extensão e gravidade dos danos ambientais, mas a recuperação levará anos para ser concluída e deve consumir bilhões de reais, estimam especialistas consultados por CartaCapital. O Ibama calcula que ao menos 50 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração, composto principalmente de óxido de ferro e sílica (areia), foram despejados das barragens (CARTACAPITAL, 2015).

É possível ver a personificação do locutor (*ethos*) no texto no seu exagero lexical, já que utiliza de uma informação imprecisa (levará anos) para assumir um posicionamento que é caro a ele e à instituição a qual trabalha. Dá para inferir outra análise nesse contexto. Ao ser contundente na questão ambiental por cerca de quase cinco parágrafos, a escolha do jornalista e também do periódico ao publicar em seu portal online, evidencia a aproximação de *CartaCapital* com uma tendência editorial e ideológica de centro esquerda, assim como nos mostra Bresser-Pereira (2006, p. 26-27).

A direita é o conjunto de forças políticas que, em um país capitalista e democrático, luta sobretudo por assegurar a ordem, dando prioridade a esse objetivo, enquanto a esquerda reúne aqueles que estão dispostos, até certo ponto, a arriscar a ordem em nome da justiça – ou em nome da justiça e da proteção ambiental, que só na segunda metade do século XX assumiu estatuto de objetivo político fundamental das sociedades modernas.

No décimo segundo parágrafo começam a ser desveladas as informações sobre o posicionamento e reações da Samarco sobre o desastre. Segundo a interpretação de Martins, a empresa tentou se esquivar das perguntas sobre a tragédia. O jornalista recorre ao jornal norte-americano *The Wall Street Journal* para pegar uma citação da Vale, onde a empresa se condiciona ao papel de mero acionista, se eximindo das

responsabilidades diretas pelas barragens destruídas. Aqui existe um posicionamento evidente. Existem muitos meios de comunicação que colocariam e colocam apenas “jornal americano” para se remeter ao The Wall Street Journal. *CartaCapital* utiliza o léxico composto norte-americano para evidenciar que todos os países das Américas fazem parte do continente, relegando assim a hegemonia do significado da palavra América apenas como uma referência aos Estados Unidos, apropriação vista em muitos dos produtos culturais do país norte-americano. Como o maior país capitalista do mundo, o sentido da escolha lexical pode indicar uma resistência a apropriação cultural do léxico América apenas para os Estados Unidos.

Considerações finais

É possível inferir que as revistas *Veja* e *CartaCapital*, ao representarem o acontecimento do desastre da Samarco, a maior catástrofe socioambiental brasileira, são determinadas pelas suas visões, linhas e práticas editoriais, assim como qualquer sujeito assujeitado. As empresas simbolizam, numa escala comercial, um sujeito com ideologias e posições socioculturais, já que foram criadas a partir das perspectivas de seus idealizadores e proprietários.

Nesse sentido, é certo afirmar que *Veja* possui um discurso liberal-conservador, mais à direita, numa métrica ideológica possível, e que seus produtos são determinados por aquilo que chamamos de condição de produção, assim como *CartaCapital*, mas fazendo o contraponto. Assim, o periódico parte de um discurso progressista para representar os seus fatos, as suas escolhas de pauta, simbolizando, polifonicamente, um discurso mais à esquerda dessa métrica político-ideológica.

Ora, se os idealizadores das revistas pensam de uma determinada forma, automaticamente toda a empresa é resultado dessa maneira de pensar, sendo assim o reflexo e a materialização ideológica desse pensamento, tal como a linguagem é o lugar privilegiado para a materialização da ideologia. Assim, todos os seus produtos culturais são determinados por fatores macrossociais, ou como Michel Pêcheux conceituou como ideologia do tipo B, já que a ideologia do tipo “A”, são produtos derivados da prática técnica empírica. Ex.: mouse, termo simbólico para designar o dispositivo que nos ajuda a operar o computador. Já as ideologias do tipo B são vistas

pelo pensador francês como condições indispensáveis da prática política, que se realizam sob forma de combinações variadas, conforme as formações sociais. Ex.: conservadorismo, liberalismo, comunismo, entre outras.

Referências

HJARVARD, Stig,. Mídiaização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural In: Matrizes, Ano 5 – Nº 2 jan./jun. 2012 - São Paulo - Brasil. p. 53-91

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Contribuição de Bakhtin às teorias do texto e do discurso**. In: CASTRO, Gilberto de; FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. Diálogos com Bakhtin. Curitiba, PR: UFPR.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Por um partido democrático, de esquerda e contemporâneo**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo: Lua Nova, n. 39, 1997.

CARTA mídia kit. CartaCapital. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/anuncie/media-kit-maio-2018>. Acessado 20, jul. 2018.

DRESCH, Márcia. **Ideologia**: um conceito fundante na/da Análise do Discurso – considerações a partir do texto Observações para uma teoria geral das ideologias, de Thomas Herbert. I Seminário de Estudos em Análise de Discurso – Michel Pêcheux e Análise de Discurso: uma relação de nunca acabar. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2003. Edições 70, 1987.

FUSCO, Nicole; GONÇALVES, Eduardo. Tragédia em Mariana: para que não se repita. **Veja**. São Paulo, 11 nov.105. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/especiais/tragedia-em-mariana-para-que-nao-se-repita/>. Acesso em: 10 mai.2017

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GUIVANT, Julia Silvia. **O legado de Ulrich Beck**. In: Ambiente e Sociedade, São Paulo, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/asoc/v19n1/pt_1809-4422-asoc-19-01-00227.pdf. Acesso em: 13 nov. 2018.

MARTINS, Rodrigo. Mar de lama, Literalmente. **CartaCapital**. São Paulo, 15 nov.2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/876/mar-de-lama-literalmente-6686.html>. Acesso em: 02 nov.2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo

Horizonte, MG: UFMG, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2000, 238 p.

MESQUITA, Flávio Agnelli. **As fontes jornalísticas no Caso Dossiê** – uma análise de enquadramento da cobertura das revistas Veja, Época, IstoÉ e CartaCapital. 2008. 144 f. Dissertação. Bauru, SP: UNESP-FAAC, 2008.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Ação civil pública com pedido de liminar inaudita altera PARS**. (2015). Brasília, DF: 2015. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/docs/acp-samarco>. Acessado em 20/03/2018. 359 p.

SEIXAS, Lia. **A reportagem enquanto gênero jornalístico**. Recife: Intercom, 2011. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0810-1.pdf>. Acessado 03, jul. 2018.

SILVA, Carla Luciana Souza. **Veja: o indispensável partido neoliberal**. 665 f. Tese (Doutorado em História). Niterói, RJ: UFF/ UNIOESTE, 2005.

VICTOR, Cilene. **Comunicação de riscos de desastres no contexto das mudanças climáticas: muito além do Jornalismo**. 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3693-1.pdf>. Acesso em: 20/11/2018